

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

Leonardo Coimbra e a política do seu tempo

(antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP)

Leonardo Coimbra and the politics of his time

(an anthology of a referential text written by a former student of the first phase of FLUP)

Leonardo Coimbra et la politique de son temps

(anthologie d'un texte de référence écrit par un ancien étudiant de la première phase de la FLUP)

Leonardo Coimbra y la política de su tiempo

(antología de un texto referencial de la autoría de un antiguo estudiante de la primera fase de la FLUP)

Álvaro Ribeiro (1905-1981)

Resumo: A memória de textos que identificam os debates desenvolvidos aquando da criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), justifica, no ano da comemoração do seu centenário, a escolha de um texto incontornável de Álvaro Ribeiro, que reflète a história dos seus inícios e da personalidade que lhe ficou para sempre ligada – Leonardo Coimbra.

Palavras-chave: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, memória, Álvaro Ribeiro, Leonardo Coimbra.

Abstract: During the creation of the Faculty of Letters of the University of Porto (FLUP), the memory of texts that identify the debates developed about its foundation, justifies, in the year of its centenary' commemoration, the choice of an unavoidable text wrote by Álvaro Ribeiro, which reflects the history of its beginnings and the personality that was forever related with the Faculty - Leonardo Coimbra.

Key-words: Faculty of Arts of the University of Porto, memory, Álvaro Ribeiro, Leonardo Coimbra.

Résumé: La mémoire de textes identifiant les débats développés lors de la création de la Faculté des Lettres de l'Université de Porto (FLUP) justifie, en cette année de commémoration de son centenaire, le choix d'un texte incontournable de Álvaro Ribeiro, qui reflète l'histoire de son les débuts et la personnalité qui a toujours été liée à lui - Leonardo Coimbra.

Mots-clés: Faculté de Lettres de l'Université du Porto, mémoire, Álvaro Ribeiro, Leonardo Coimbra.

Resumen: La memoria de textos que identifican los debates desarrollados en la creación de la Facultad de Letras de la Universidad de Porto (FLUP), justifica, en el año de la conmemoración de su centenario, la elección de un texto ineludible de Álvaro Ribeiro, que refleja la historia y la personalidad que le quedó para siempre ligada - Leonardo Coimbra.

Palabras clave: Facultad de Letras de la Universidad de Porto, memoria, Álvaro Ribeiro, Leonardo Coimbra.

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - *História*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

Nota Introdutória

Na circunstância da evocação do centenário da criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, criada em 1919, justificava-se apresentar nesta *História – Revista da Faculdade de Letras* um testemunho vivido desse tempo histórico e dos seus protagonistas, um texto que nos permitisse entrever as representações e interpretações desse processo estranho e complexo da fórmula de criação desta Faculdade na sua primeira fase de atividade (1919-1931), como fonte para novas interrogações e/ou inquietações, conduzindo o leitor ao clima cultural, social e político desse tempo de imediato pós-guerra, de “crepúsculo do republicanismo” (segundo Álvaro Ribeiro, 1905-1981), de confronto com velhas posições e com novas ideologias então emergentes.

Vários dos antigos alunos da FLUP primitiva deixaram textos relevantes, sinalizando a diferença da FLUP no meio universitário. De entre as várias possibilidades para antologia, recaiu a escolha num texto luminoso de Álvaro Ribeiro, um texto incontornável para quem quiser conhecer a história dos inícios da FLUP e da personalidade trágica que lhe ficou para sempre ligada – Leonardo Coimbra. Um texto maior, sublime! Um texto que se não revê como hagiográfico, conciso para a brevidade dos dias que correm, mas com uma capacidade analítica e de síntese que torna a sua leitura obrigatória por todos os que de alguma forma têm ligação com a FLUP ou que questionam a díade Universidade/Liberdade.

Trata-se do texto de Álvaro Ribeiro – “Leonardo Coimbra e a política do seu tempo”, extraído da obra coletiva *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950 (pp.137-150). Conforme nota dos organizadores a anteceder o prefácio, “este livro, de evocação e estudo, foi planeado pelos amigos e discípulos do pensador na data da sua morte, e coligido por uma comissão de iniciativa constituída por A. Casais Monteiro, Álvaro Ribeiro, José Marinho e Sant’Anna Dionísio”. Com efeito, cerca de 15 anos após a trágica morte de Leonardo Coimbra, em acidente de automóvel (1936), alguns dos seus antigos alunos, já nomes relevantes da filosofia, reunidos para a evocação do mestre nos anos cinzentos do salazarismo, apostaram na publicação de um livro de homenagem /de reparação, reunindo quarenta textos que, de forma diversa, revivem a imagem do antigo mestre, na certeza de que “a passagem do espírito de Leonardo Coimbra por esta velha terra que se

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

chama portuguesa foi um grande relâmpago que abriu fundas perspectivas universais por cima dos horizontes achatados dentro dos quais usualmente nela se vive e morre” (do Prefácio, p.11).

Leonardo Coimbra (1883-1936), natural da Lixa, Felgueiras, ocupa um espaço indiscutível na dinâmica da nova FLUP, arrostando, enquanto ministro da Instrução Pública, com a proposta algo errática da sua criação, em 1919, para depois ser o seu primeiro diretor efetivo e o grande mentor de novas fórmulas pedagógicas, ainda que não isentas de crítica, com a sua obra a suscitar múltiplas reflexões da filosofia contemporânea. Por sua vez, Álvaro Ribeiro (1905 - 1981), natural de Miragaia, Porto, foi aluno da fase inicial da Faculdade de Letras do Porto, concluindo o curso de Ciências Históricas e Filosóficas em 8.7.1931. Discípulo de Leonardo Coimbra, viria a ser um dos mais representativos filósofos portugueses, embora seguindo caminhos próprios, surgindo como um dos fundadores do movimento *Filosofia Portuguesa*. São múltiplas obras, em várias das quais se podem encontrar referências a professores e práticas da fase primitiva da Faculdade de Letras, evocando especialmente Leonardo Coimbra. De resto, a Leonardo Coimbra e à criação da FLUP haveria de voltar Álvaro Ribeiro na sua última obra, *Memórias de um Letrado* (3 volumes, 1977-1980), nomeadamente com uma análise penetrante do debate parlamentar a esse respeito. Ambos os autores têm edições recentes das suas “obras completas” ou recolhas de dispersos, disponibilizando-se dessa forma aos estudiosos o manancial dos seus escritos.

O texto de Álvaro Ribeiro, que aqui se disponibiliza (também integrado no volume I dos seus *Dispersos e Inéditos*, p. 395-405, compilado e anotado por Joaquim Domingues) pretende tão só dar um sinal de leitura para a evocação do ambiente cultural e político em que emergiu a FLUP, usando simultaneamente a evocação de um docente mítico da FLUP, bem como o texto que nos remete para a obra um dos seus mais destacados alunos, de resto, um exemplo da plêiade de intelectuais que beberam os princípios da investigação e da reflexão nos bancos dessa Escola. Resta dizer que a recolha do texto se baseia no referido volume *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus contemporâneos* (pp.137-150), respeitando a grafia e notas do autor.

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

Leonardo Coimbra e a política do seu tempo

«Se, para ser republicano, é necessário não acreditar em Deus, então não serei republicano.»¹

Leonardo Coimbra

Leonardo Coimbra concebera a filosofia, não como actividade suficiente que responde a todo os anseios da humanidade, mas como intermediária entre a ciência e a religião; por isso representou entre nós a crise espiritual da primeira metade do século xx, dando-lhe uma expressão tão rigorosa como eloquente.

No fim do século passado, a opinião de que o atraso da cultura filosófica em relação à cultura científica explicava a falência de sistemas especulativos, como, por exemplo, a admirável construção hegeliana, foi opinião que estimulou o aprofundamento dos estudos epistemológicos, cujos resultados avultam entre as obras mais significativas do novo século. Não foram, porém, os pensadores mais ousados para além da epistemologia, e, como não concluíram pela renovação da problemática moral e metafísica a obra felizmente começada, apenas denunciaram uma inevitável carência que, uma vez enunciada e explícita, resulta num apelo à complementaridade da religião.

Leonardo Coimbra recebeu do ensino universitário as disciplinas científicas que o habilitaram a acompanhar a epistemologia francesa, talvez a ultrapassá-la, e a elaborar trabalhos filosóficos que, desse ponto de vista, resistiram a todas as críticas dos escritores contemporâneos. Mas o demasiado crédito que Leonardo Coimbra concedera à epistemologia francesa estendera-o também à escola positivista de sociologia que teve por mestre muito venerado o etnógrafo Emílio Durkheim. Enfrentou assim uma dificuldade que nunca poderia vir a ser inteiramente vencida pela dialéctica do criacionismo: a de *conciliar a sociologia atéista com a teologia crista*; por isso, alguns trechos dos livros do filósofo português – aqueles em que Deus e a Sociedade aparecem como termos de

¹ CF. “Seara Nova”, n.º 939, 11-VIII-1945, pág. 246, in artigo intitulado *Positivismo e esclarecimento positivo*, de Sant’ Anna Dionísio.

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

correlação instável – encontram-se envolvidos por uma obscuridade que resiste ao engenho dos intérpretes e dos expositores.

Substituindo, porém, esses termos por outros mais concretizados, que são a Igreja e o Estado, claramente se vê que a relação entre eles necessariamente depende do modo de conceber a finalidade da vida humana, e de resolver o problema da morte. Leonardo Coimbra aperfeiçoava incessantemente o seu cristianismo; a política teria, pois, de acompanhar a filosofia; e sabemos já qual o seu progresso: da ciência para a religião, da falsa ciência que é a sociologia para o saber mais autêntico que é dado na teologia.

Um sentimento de apostolado cristão, e uma imagem demasiado moderna do melhor ideal de santidade, impeliam ou atraíam a personalidade do filósofo para a actividade política, e Leonardo Coimbra voluntariamente aceitou a sujeição a que se destina todo o homem público. Os actos de Leonardo Coimbra estiveram, por isso, ao alcance da crítica do vulgo, e, assim como de costume, este julgou e condenou o que não compreendeu.

A ignorância dos ciclos morfológicos, frequente nos homens vulgares, é viciosa naqueles que sofreram a disciplina do intelectualismo francês, e parece inveterada nos que se julgam mais cultos; a essa ignorância corresponde, na prática, a intolerância para com os homens que sinceramente exprimem a normal deslocação para diferentes pontos de vista, à medida que se efectua o progresso de idade para idade; e Leonardo Coimbra, porque nunca fizera voto de obediência perpétua a qualquer doutrina política, porque aceitava por método o livre pensamento, sofreu a injúria dos sectários que iam ficando *fiéis*, até à morte, aos meridianos ideológicos que o filósofo teria necessariamente de ultrapassar.

O estudante Leonardo Coimbra, que apareceu no comícios a fazer discursos incompreensíveis, impressionava pela contradição mas tornou-se em breve uma das figuras mais populares entre os habitantes da cidade do Porto. Um corpo varonil de atleta suportando um rosto de adolescente, vestindo capa-e-batina de origem jesuítica com gravata «à Lavalliere» de simbolismo boémio, um revolucionário do grupo mais temível proferindo tolstoianas palavras de esperança

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

e amor: tal era a tríplice contradição, impressionante e ofensiva para a burguesia portuense.

O velho burgo do Porto, sempre na defensiva de um radicalismo sério, ordeiro e pacato, e de um moralismo ferozmente apegado ao conceito da honestidade, – de honestidade masculina e feminina, – via no anarquismo um aspecto demasiado apressado, aguerrido e declamatório, de uma transformação social que deveria ser feita no decurso lento dos séculos. Os anarquistas eram, na terminologia de então, os *avançados*.

O anarquismo corresponde ao pessimismo da adolescência, e nessa correspondência encontra fundamento a sua parcela e verdade. A doutrina anarquista consiste na obstinada afirmação de que nenhum governo, nenhum regime político, satisfará jamais as generosas aspirações humanas. A posição anarquista é instável, e o desenvolvimento da doutrina, promovido por desesperada oposição ao existente, ou mergulha na negridão do crime, alcunhado de acção directa, ou ascende à candura do misticismo, numa evasão da vida social. Quem conhecer algumas das venerandas figuras de sobreviventes da propaganda anarquista no nosso país, reconhecerá nesses simpáticos anciãos a perenidade da adolescência: o olhar ainda brilhante e o sorriso sempre bondoso como sinais de acolhimento a renovadas expressões de idealismo utópico que condene, em toda a extensão, a condição política em que o homem, segundo Aristóteles, é obrigado a viver.

A proclamação da República, como que despertasse o povo para o chamar à realização do sonho, reconciliou muitos dos acratas com o aspecto irracional da actividade política, e Leonardo Coimbra, julgando possível inserir valores espirituais nas instituições que iriam ser remodeladas, transitou de anarquista a republicano. A colaboração prestada à acção cultural da *Renascença Portuguesa* – sociedade de que Leonardo Coimbra foi um dos mais activos colaboradores, embora não compartilhasse da doutrina que a caracterizava e fundamentava, sociedade que a custo se manteve independente dos partidos políticos, – demonstra que o antigo anarquista não ambicionava o poder e que, se alguma autoridade reconhecia, era a de essência espiritual.

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

A acusação de ter sido anarquista foi inúmeras vezes proferida contra Leonardo Coimbra pelo vulgo que não admitira, não esquecera, nem perdoara a transformação que se tinha dado na alma do pensador. Ouvimos a injúria durante a última campanha eleitoral em que Leonardo Coimbra interveio com o fogo da sua eloquência. Estava o orador criticando as doutrinas extremistas quando um dos ouvintes, num ímpeto de exaltação, interrompeu o discurso com a imprecação conhecida:

- Mas V. Ex.^a também já foi anarquista! ...

Leonardo Coimbra, habituado a dominar a agitação das turbas pelos raros dotes de orador, não se intimidou com os sussurros, replicou serena e prontamente:

- Sim, senhor. Também mamei, também gatinhei, mas, palavra de honra, não fiquei toda a vida a andar a quatro patas. E agora que tenho os braços livres para os erguer em prece, dou graças a Deus por me ter feito à sua imagem e semelhança.

Uma salva de palmas abafou os murmúrios, e, depois dos aplausos, o pensador respeitado continuou a sua oração magnífica.

Outra injúria que, de certo modo, completava a primeira, era disseminada em forma de boato e consistia em anunciar, para breve, a nomeação de Leonardo Coimbra para um dos melhores lugares de confiança do Governo da República, e entre esses, avultavam o de Embaixador no Rio de Janeiro, em Madrid ou no Vaticano. Sabia-se quanto o filósofo se desgostaria ao ver-se afastado da missão de educador, sabia-se que Leonardo Coimbra não poderia aceitar cargos públicos em que dificilmente exprimiria a vontade do povo; mas o boato vingativo daqueles que condenaram o homem superior ao ostracismo, ia fermentando num ambiente de insultos e de injúrias.

A República que o povo sonhara durante a propaganda não se realizou, e o desmentido veio confirmar mais uma vez o pessimismo dos anarquistas. Os próprios escritores republicanos ficaram desiludidos no decurso dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, e, de certo modo, inconcordes com as instituições que não correspondiam às doutrinas propagadas. O novo regime ficaria juridicamente estruturado nos moldes do constitucionalismo anglo-francês, e desse

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

modo iria entravar o andamento da revolução democrática.

Os republicanos enfrentam uma crise ideológica que exteriormente se manifesta pela multiplicidade dispersiva dos jornais políticos e pela falta de livros onde a doutrina continuasse a ser renovada em expressão vernácula e deduzida de princípios filosóficos; as consequências necessárias de uma crise desta ordem reflectiram-se nas gerações mais novas, e os estudantes universitários foram pouco a pouco aceitando as doutrinas propagadas nos livros das correntes opositoras.

É durante esta crise que Leonardo Coimbra expõe e desenvolve uma doutrina democratista, um pensamento político original e autónomo, que inteiramente se distingue do republicanismo dos seus contemporâneos e partidários. Raras vezes se prestou devida justiça à iniciativa isolada deste doutrinador.

O pensamento criacionista afirma a liberdade humana e garante-a por um personalismo monadológico; a mesma filosofia preconiza o acordo social das vontades na decisão política e na aceitação da escala de valores que culmina em Deus; mas indefine, reduz ou anula qualquer relação hierárquica na ordem dos espíritos humanos. Leonardo Coimbra defendia um republicanismo democratista. República significava não só *o bem de toda a Nação*, o que não pode ser confiado a uma sociedade particular de qualquer ordem ou grau, e muito menos a uma família nobre, mediante eleição em cortes gerais, mas ainda o que deve estar aberto à crítica do que sem distinção se chama «público». Democracia é um regime, que dos outros se delimita e define, pela significação etnológica atribuída à palavra *povo*. O povo era mais bem representado pelo aldeão e pelo vilão do que pelo cidadão, e assim o democratismo situa-se, de princípio, em oposição ao sindicalismo urbano. Aos governantes competiria auscultar a vontade do povo, dar-lhe expressão racional e execução técnica, para o que deveriam ser altas consciências em humilde atitude de ligação com Deus.

Não era, porém, esse aspecto o que na administração pública se observava. Assim, o filósofo é levado a escrever:

«Quanta mulherzinha do povo eu tenho visto pôr o universal nas suas acções, enquanto os grandes magistrados da minha República nelas colocam os seus

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

retóricos interesses de vaidade!»²

A doutrinação oral e escrita de Leonardo Coimbra contradizia e contrariava o decurso da política nacional, justamente porque o filósofo se mantinha fiel ao ideal republicano, cuja expressão renovava. Argumentava com uma transposição do platonismo: – a distância inevitável entre as ideias puras e as suas projecções num mundo maculado pela matéria, distância que só poderia ir diminuindo pelo esforço do humano amor. Assim explicava a parcela de verdade que cabe ao pessimismo anarquista, e deste modo conseguiu atrair ao ideal republicano as almas inquietas de muitos adolescentes que tendiam a abraçar as doutrinas fáceis de oposição crítica ao espectáculo desolador de uma política degenerada.

Faltava, porém, a Leonardo Coimbra uma adequada inteligência da civilização medieval, porque a cultura do filósofo era predominantemente moderna; não há na obra do escritor, uma única referência à *Monarquia* de Dante; Leonardo Coimbra não pudera intuir a significação republicana da Nobreza, porque nascera no século décimo nono. Embora percebesse a insignificância profana do regime *representativo* (porque a mecanização regulamentar iria atingir a caricatura: em tudo presidentes com cátedra, secretários com livros de actas, direcções, conselhos fiscais e assembleias gerais, numa confrangedora uniformidade de nomenclatura que parece indiferente à finalidade da instituição), não reconheceu porém no Exército, na Universidade e no Sacerdócio, com as suas hierarquias irredutíveis a corpos gerentes de sociedades civis, o testamento de uma alta verdade. E no entanto (coisa estranha!...) Leonardo Coimbra não desejava uma república moderna, quer dizer, burguesa, de forma capitalista ou socialista, em que o poder fosse concreta ou discretamente atribuído às entidades representativas da actividade económica, desde o sindicato operário à mais alta finança; mas como se explica, num filósofo atento ao sobrenatural e à graça, esta menor atenção ao significado republicano do Exército, da Universidade e do Sacerdócio?

Enigma histórico nos parece hoje que o nome de Leonardo Coimbra, embora não estivesse inscrito em qualquer dos partidos políticos, tivesse sido indicado para o Ministério da Instrução Pública num período de interregno parlamentar. Quem

² Leonardo Coimbra, *A Luta pela Imortalidade*, Porto, 1918, pág. 61.

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

quer que fosse o eleitor, teve ele uma intuição felicíssima, porque só um filósofo poderia aproximar a República Portuguesa do obsidiante arquétipo platónico. A passagem de Leonardo Coimbra pelo Ministério da Instrução Pública foi rápida e fulgurante; em poucas semanas de governo enfrentou vários e efémeros problemas de administração escolar mas dedicou-se principalmente ao do ensino superior da filosofia numa luta contra todas as forças de oposição; publicou um decreto que dava melhor constituição ao grupo de ciências filosóficas nas Faculdades de Letras, e nomeou professores para as novas cadeiras; transferiu para a Universidade do Porto a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que manifestara insubmissão. A agitação política em torno destes actos do Governo ficou conhecida pelo nome de questão *universitária*, e deu motivo a que Leonardo Coimbra proferisse na Câmara dos Deputados a sua obra-prima de eloquência parlamentar.

Leonardo Coimbra perdeu a questão universitária. Nem a Faculdade de Letras foi transferida de Coimbra para o Porto, nem foi dada execução à reforma dos estudos filosóficos. A cidade do Porto, berço do Infante D. Henrique, obteve, porém, um benefício para a sua Universidade: a existência de uma Faculdade de Letras, de que Leonardo Coimbra foi mestre, ou melhor, grão-mestre.

Leonardo Coimbra teve de passar pelo *ministério* para chegar ao *magistério*, e para reconhecer que a escala de valores consentida pelos políticos seus contemporâneos estava na razão inversa da ordem tradicional.

A questão universitária prolongou-se numa campanha de descrédito contra a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A principal arguição consistia em dizer que os professores nomeados não tinham sido submetidos a provas de concurso, com a agravante de alguns nem possuírem curso, o que, a juízo dos ignaros, representava incompetência legal e profissional. Era frequente, sempre que o Partido Republicano Português deixava aos outros partidos a experiência do poder, logo soar o boato ou ser publicada a notícia de que, dessa vez, seria resolvido pela extinção o «escândalo» da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Com a extinção da Faculdade de Letras, e da pequena ou grande paixão política dos seus detractores, tais argúcias que não tinham fundamento intelectual perderam significado e valor.

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

Quanto a nós, o que houve de sério, mas talvez por isso mesmo subconsciente e tácito na significativa questão universitária, foi o protesto da Universidade de Coimbra contra mais um acto de quebra de uma tradição venerável. Efectivamente, assim como a tradição apostólica é garante da hierarquia eclesiástica, também a hierarquia universitária não pode ser adulterada por um acto simples do legislador. Toleramos o sorriso que castiga o aspecto ridículo a que chegaram os graus académicos de *bacharel*, *licenciado* e *doutor*, agora que são obtidos mediante exames, – a um dos quais se denominou «de aptidão», – na presença do público mais ou menos insciente; atribuímos à Universidade de Coimbra a responsabilidade da profanação progressiva que viria a permitir a constituição de faculdades universitárias pelo processo leigo de fabricar escolas técnicas; mas compreendemos a ordem universitária no plano mais sério das instituições tradicionais e desejamos que seja restaurada pelo seu valor de actualidade.

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto seguiu, nos primeiros anos, a direcção de Leonardo Coimbra que procurava aproximá-la do paradigma de uma Faculdade de Filosofia, quebrando pela magia da eloquência a cadeia dos regulamentos escolares em vigor. Não havia programas nas disciplinas regidas pelo grão-mestre; mas se cada aula tinha o encanto do inaudito, com surpresa íamos verificando que as orações magistrais se articulavam umas nas outras, formando uma escala sistemática cuja transcendência não nos era ainda dado acompanhar; não havia livro adoptado, nem possibilidade de elaborar «sebenta», porque não podíamos sequer redigir apontamentos enquanto seguíamos, deslumbrados, os voos místicos do orador; e assim, com afastar-nos violentamente do que em didáctica deveria já estar proibido por lei, Leonardo Coimbra obrigava cada um de nós a reconstituir de memória a lição ouvida e a investigar pessoalmente na selva da bibliografia. Os exames não assumiam a forma vexatória do interrogatório, em que o professor arbitrariamente domina as zonas de ignorância do aluno, mas constituíam provas eloquentes de que o discípulo, concordante ou discordante do mestre, se encontrava apto a resolver os problemas filosóficos.

Havia no exercício pedagógico de Leonardo Coimbra súbitas manifestações

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

de negação e de desdém para com as «ideias feitas», definitivamente adquiridas e solidamente estabelecidas, e nós, alunos, perturbados, vencidos, emudecidos, não víamos bem a relação dos arroubos místicos com a didáctica provocadora. A verdade é que Leonardo Coimbra, reconhecendo em muitos dos seus alunos a ausência de *vocação* filosófica, chegava sem violência à *provocação*; aplicava assim, ao ensino universitário, o célebre preceito de Miguel Unamuno, mencionado na *Vida de D. Quijote y Sancho*

«Hay espíritus menguados que sostienen ser mejor cerdo satisfecho que no hombre desgraciado, y los hay también para endechar a la que llaman santa ignorancia. Pero quien haya gustado la humanidad la prefiere, aun en lo hondo de la desgracia, a la hartura del cerdo. Hay, pues, que desasosegar a los prójimos los espíritus, hurgándoselos en el meollo, y cumplir la obra de misericordia de despertar al dormido cuando se acerca um peligro o cuando se presenta a la contemplación alguna hermosura. Hay que inquietar los espíritus y enfusar en ellos fuertes anhelos, aun a sabiendas de que no han de alcanzar nunca lo anhelado.»³

Leonardo Coimbra soubera o que de análogo existe entre a pedagogia e a filosofia, mas à medida que do seu mestrado ia fazendo um sacerdócio, reconhecia também a identidade entre educação e religião. Esta antiga verdade, que a gradual profanação da cultura tem repellido para a treva do esquecimento, subiu à memória de Leonardo Coimbra, mas articulada já pelo verbo evangélico. A ética de Leonardo Coimbra assenta no primado do amor, de um amor a que a morte se opõe roubando o ente amado e que por isso irá adquirir mais nítida configuração humana no trânsito do banquete platónico para a ceia cristã. A reflexão sobre o pensamento de Santo Agostinho e a meditação sobre o apostolado de São Francisco de Assis alimentaram e robusteceram o cristianismo do filósofo português. Orador por temperamento, Leonardo Coimbra que em diversos passos dos seus livros alude ao ritual do amor, não atribuía, porém, à vida sacramental e litúrgica a significação que lhe é dada pelo catolicismo. Estranha incoerência, porque toda a afirmação ética que fosse susceptível de contradição ôntica era para Leonardo Coimbra considerada deficiente

³ MIGUEL DE UNAMUNO, *Vida de D. Quijote y Sancho*. Livro II, cap. VII, pág. 147 da edição Austral. Buenos-Aires, 1945.

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

e portanto falsa, dito que os juízos de existência devem garantir os juízos de valor.

Quando foi pela segunda vez Ministro da Instrução Pública, Leonardo Coimbra que desde 1919 se encontrava inscrito no Partido Republicano Português, deixou de proceder em obediência à doutrina partidária, preferindo subordinar a política ao seu pensamento filosófico. Não poderia ser, portanto, a superstição do liberalismo jurídico, como algumas vezes se disse, fundamento válido para que o ministro Leonardo Coimbra defendesse a liberdade de ensino da religião nas escolas particulares; aliás, a opinião pública não se modificaria em ondas de ódio para discutir pormenores de administração escolar; a questão era muito mais séria, e sobretudo muito mais complexa, como testemunham os depoimentos dos escritores contemporâneos. Estavam em discussão os próprios «direitos do homem». O primeiro *direito* do homem, – para empregarmos a linguagem jurídica, – é o de prestar culto a Deus pela forma que livremente escolher; diríamos que o segundo é o da eleição do cônjuge, se não nos quiséssemos afastar do nosso tema; mas calaremos o terceiro. Ainda que todos os outros direitos tenham de ser restringidos, o do culto a Deus deve ser de todos o mais amplo, aquele que não pode ser cerceado por processos de violência ou de astúcia. É evidente que o culto está relacionado à cultura; por isso lamentamos a obstinada negação dos contemporâneos, dominados pelo positivismo.

A questão política levantada por Leonardo Coimbra teve interesse público, que explicamos não pelos argumentos momentâneos dos litigantes, mas pelo clarão que permitiu rememorar comparativamente as formas de intolerância religiosa e anti-religiosa.

Leonardo Coimbra perdeu a questão do ensino religioso Teve de abandonar o ministério, e, com ele, a popularidade, a confiança e os votos dos seus partidários. Leonardo Coimbra, dizia-se, perdera o *prestígio*. As injúrias, as calúnias e os insultos puderam então circular sem impedimento; o homem público era com toda a leviandade julgado pelos mais vis e pelos mais ignaros, em nome da liberdade da crítica e da igualdade na cidadania; todo o mérito do filósofo – tanto na intelectualidade como na eticidade – foi posto em dúvida, e guardado apenas por um pequeno grupo de amigos e de discípulos.

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

Ia-se aproximando o fim do primeiro quartel do século. O descontentamento perante as instituições republicanas tendia para o limite malsão do desespero, e atingira o próprio republicanismo, que deixou de ter teóricos e intérpretes no nosso país, como haviam sido Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoais. A doutrinação política que, numa ou noutra revista, aparecia mais nova, era constituída por um positivismo de aspiração universalista, mais interessado pelos problemas técnicos da pedagogia e da economia do que pelas preocupações filosóficas ou religiosas, e, assim, a palavra «democracia» ia ganhando em penetração dialética o que perdera de significação mítica a palavra «república». Ao substantivo comum «democracia» eram apostos os adjectivos partidaristas que designavam doutrinas de várias longitudes; a esta substituição ideológica corresponde uma alteração da escala que ordena os problemas políticos, e um estilo novo em que predomina o problema social; vai-se pouco a pouco desenhando um programa maximalista que uns pretendem realizar no todo e outros somente em parte, reduzindo-se a diferença a aspectos de *oportunidade* e de *quantidade*. Ora a política do primeiro quartel deste século tinha sido uma oposição irreductível entre duas doutrinas de diversa *qualidade*, o que é evidente para os pensadores de tipo especulativo, mas o que também se confirma pelos actos de heroísmo invulgar na luta entre monárquicos e republicanos.

A teoria republicana não assenta numa base sociológica. O democratismo, pelo contrário, terá de procurar fundamento ou numa sociologia ateísta ou numa sociologia católica, e Leonardo Coimbra, prevendo o movimento da política europeia, não hesitou em formular a necessidade da opção, e em se associar aos que, acima de todo o amor, colocam o amor de Deus... Leonardo Coimbra assistira, sem ilusões, ao crepúsculo do republicanismo.

A experiência política de Leonardo Coimbra, que foi do pessimismo anarquista ao misticismo cristão, mediante um democratismo original e singular, não seguiu uma carreira rectilínea, desenhada pela vontade estóica na cidade cosmopolita e geométrica; mais se assemelha a uma curva descrita pela ansiosa procura da equação entre o amor humano e o amor divino. Na ordem da eticidade, todos os actos políticos de Leonardo Coimbra exprimem a mais elevada intenção do

Álvaro Ribeiro - Leonardo Coimbra e a política do seu tempo (antologia de um texto referencial de um antigo aluno da fase inicial da FLUP) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 72-86. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a3

filósofo, sem quebra de coerência, sem mancha de oportunismos, embora numa linha de públicos insucessos e de privados desgostos.

Álvaro Ribeiro